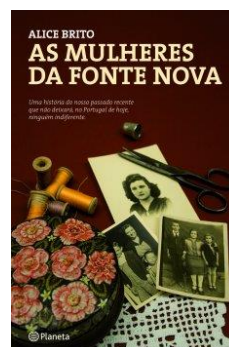


RECENSÃO CRÍTICA



BRITO, Alice (2012) *As Mulheres da Fonte Nova*. Lisboa: Planeta

A Escola no «País gerúndio»

LUÍS SOUTA

luis.souta@ese.ips.pt

Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal

Estreia prometedora

Não sou crítico literário. A minha proximidade à literatura faz-se pela produção editorial (escrevinhar poemas, cronicar *short stories*, ensaiar o romance); pela participação na APE (suplente da Direcção, 2002-12); pelos três projectos de que fui responsável (*A Escola Através da Literatura: Uma Análise do Processo Educativo*, PRODEP, 1997-2000; *Caminhos dos Ganhos na Literatura Portuguesa*, FCT, 1999-2000; *A Voz da Escrita: a Escola na Palavra dos Escritores*, IPS, 2003) onde se recolheu um vasto *corpus* literário com centenas de autores nacionais dos séculos XIX e XX; pela co-organização, desde 2009, do ciclo “Literatura e Educação”, no qual se realizaram, na ESE de Setúbal, já nove “Encontros com Professores-Escritores”.

Deste modo, se deve entender este texto, mais na minha qualidade de compilador de extractos literários temáticos e de leitor crítico que privilegia a educação e a multiculturalidade.

As Mulheres da Fonte Nova marca a estreia (auspiciosa) da advogada setubalense Alice Brito no campo da ficção literária. Este seu primeiro romance é, indiscutivelmente, uma obra que entretém, deleita, e ensina. Foi esta última vertente que me prendeu: pelo que nela se revela sobre o ensino e as formas de o ministrar, no negrume de um «país gerúndio» (p. 269). As recensões publicadas não se retêm neste tópico, antes valorizando um triplo enfoque:

(i) a literatura do feminino e o enaltecer de uma dimensão emancipadora.

Como assegura Helena Vasconcelos (2012) «é, decididamente, um romance “feminista”», nele emergindo o sentido crítico sobre comportamentos pretéritos

«Tinham-lhe sempre dito, ou talvez melhor, sugerido e ensinado, que as mulheres não exigem, pedem; que as mulheres não se dão, entregam-se; que as mulheres não têm querer, obedecem; que nada impõem, humilham-se.» (pp. 190-1)

A autora assume, explicitamente, uma perspectiva feminina de análise sobre esse mundo dentro-de-portas, na «casa-prisão» (p. 259). No entanto, o seu conhecimento do mundo masculino é igualmente fino, revelando capacidade de observação

«Recordava os meses a seguir com especial afecto libidinoso, ficando em estado pontudo, numa aflição que o fazia gemer, aflição molhada de mãos em socorro da vontade desgovernada.» (p. 132)

(ii) o romance histórico centrado na política castradora do Estado Novo e nas várias militâncias oposicionistas.

Numa escrita auto-reflexiva e distanciada, a autora cruza, de forma admirável, o masculino e o feminino, o individual e o colectivo, o local e o nacional, o poder e a oposição, nunca deixando de evidenciar, claramente, o seu posicionamento, fugindo, todavia, à “escrita-manifesto”. É que anda por ali um “Sininho” que questiona, constantemente, a narradora, com

comentários (texto a itálico) ao longo do livro

«Há demasiado fascismo e palavrões nesta tua prosa. Não estás a fazer um panfleto» (p. 20)

«O que sabes tu sobre o que as pessoas pensavam? Passaram-te procuração? Pensas por elas?» (p. 247)

(iii) a cidade de Setúbal, personagem principal do livro (Pessoa, 2013).

O título pode levar o leitor a pensar que estamos perante uma literatura localista. Não é assim. A obra foca-se nalguns dos bairros mais “castiços” («os grandes órgãos das cidades», p. 317) de Setúbal (Fontainhas, Bairro Salgado, Casal das Figueiras e, principalmente, o Troino), na sua peculiar teia de relações urbanas, marcadas pelas diferenciações de classe

«A cidade dos anos 40 tinha ainda muita fábrica a funcionar. (...) O metabolismo industrial tinha, contudo, acelerado agora, nos anos de guerra, com a cidade a laborar que nem uma doida. Se isto fosse terra de patrões decentes, dava para ser uma cidade próspera e de bucho cheio. Mas não era esse o caso e, apesar do ritmo trepidante a que se enchiam toneladas de latas, nunca as conserveiras conheceram a suficiência de um salário.» (pp. 17-8)

Mas o real interesse da obra extravasa esta dimensão regional; o romance faz-nos sentir o pulsar do país que Salazar teimava em dirigir com rédea curta e no respeito pelos «bons costumes» ditados pela santa madre igreja, sua conselheira e aliada fidelíssima

«apesar da vida parda e amolengada destes anos de guerra lá fora e de sala-

zarice cá dentro, o país ia deslizando no contínuo dos dias baços.

Era um Portugal caladinho, de mão trémula e língua perra.» (p. 21)

[com] «padralhada sempre dócil e solidária com os patrões e patroas, com tudo o que cheirava a poder, vénias e sorrisos, o culto da obediência, pactos tácitos de manutenções de ordens sociais tidas por eternas, imutáveis» (p. 52)

A Escola que não se quer de volta

Neste segunda parte abordarei as «[r]ecordações da escola. Aquelas que ficam para sempre» (p. 153), a partir de dez referências explícitas feitas no livro de Alice Brito, através de uma leitura «sem pressas e sem pausas» (sublinhando, anotando, seleccionando); para mim, são memórias de um tempo ido, de aversão e repulsa (de saudades, também).

1. A professora primária, a Dona Virgínia Pacheco, nascida em 1880, de um republicanismo vincado, vindo-lhe

«essa inclinação do contacto amigo com Ana de Castro Osório, a quem visitava e com quem conversava longamente.» (p. 24)

Casada com um militar (muito usual no corpo docente de então; o regime até no perfil do consorte se metia!), enviuvou jovem. Desde aí,

«Dona Virgínia ia de casa para a escola e da escola para casa, invariavelmente, sendo a profissão o único escape para uma vida que considerava sem sentido.» (p. 26)

2. As disciplinas-papão, como o Latim

«das declinações, catilinárias e nós górdios (...) muito mau, mau como as cobras» (p. 276)

a Matemática,

«obedecendo à tabuada declinada mentalmente (...) encolhida, com um caderno sobre os joelhos, faz o trabalho de aritmética, uma fulgurante conta de dividir temperada de vírgulas» (p. 120)

ou a obra épica de Camões que, em vez de provocar o natural encantamento, a sua análise produzia efeitos colaterais, uma aversão que se instalava para (quase) todo o sempre

«*Os Lusíadas*, loteados em orações múltiplas, dissecados exaustivamente pelo bisturi gramatical» (p. 276)

3. As relações desumanas no seio escolar, ilustradas, com detalhe etnográfico, num episódio paradigmático

“Foi num desses dias desleixados (...) que a visitadora escolar lhe cortou o cabelo à escovinha. Era um cabelo farto e castanho, profusamente recheado de tudo o que era piolho e lêndea. (...)”

No corredor meio escuro tinha sido montado o cenário. Aí fora colocada uma mesa. Em cima da mesa havia tesouras, pentes, uma toalha e uma bacia. Ao lado, uma cadeira vazia aguardava ocupante. As alunas pequenas, de bata, aguardavam em fila a inspecção eficiente daquele volume humano que lhes parecia uma enfermeira, protegida que estava por bata

branca de sarja.

As cabeças foram ocupadas, mexidas e remexidas num afã invasivo pelos dedos gordos da gorda volumosa.

(...) está sossegada que ainda levas uma tesourada, alguém que me ajude que ela não deixa, quieta, que rapariga rebelde... Tinham vindo duas professoras agregadas e uma contínua apertar-lhe os braços, e ela numa aflição a contorcer-se, se fosses minha aluna, eu dizia-te...

A directora, saída de rompante do gabinete, resolveu o assunto com várias bofetadas metódicas, a mão azafamada num vaivém sucessivo e calculado, empenhada e ritmada na produção de estalos sonoros. (...)

Dela, nem um ai.» (pp. 12-3)

Aqui está algo de novo que nunca encontrei nas minhas anteriores pesquisas no *corpus* literário nacional – “a visitadora escolar”.

4. Os directores escolares de «perícia assaloiada (...) na técnica de apoucamento» (p. 67).

«Os pequenos chefes do fascismo só davam pequenas ordens. Ordens mesmo eram aquelas que recebiam e cumpriam. Nunca foram habituados a comandar coisa nenhuma. Exerciam o poder de forma oblíqua, afirmando-se em coisas de merda, tiranetes que eram, demonstrando especial tendência para a humilhação dos mais fracos.» (p. 68)

Assistimos, nos dias de hoje, ao infeliz “retorno” de tal figura, numa gestão unipessoal, pouco dada ao debate ou à partilha, e reverente com a tutela.

5. Os métodos de ensino eram o sal-e-pimenta dos tempos da Ditadura, numa diversificada «tecnologia da humilhação»

«Orelhas-de-burro, ficar de pé contra a parede, eram castigos normais (...)

A menina-de-cinco-olhos, a ponteirada... (...) a pedagogia da bofetada, a leccionação do medo e da obediência. (...)

«porque se pensava que a pancada era um elemento fundamental da aprendizagem. (...)

Naquele tempo batia-se generosamente nas crianças» (p. 151)

6. As profecias (precoces e erradas) dos professores; parecem um mal de uma serôdia profissionalidade docente

«A professora falou com Arminda e pressagiu grandes dificuldades no aprender. A menina era muito parada, não assimilava, falava pouco, no recreio isolava-se, teria algum atraso, interrogava-se.»

«Atrasada era ela, a professora» (p. 260), sentenciava José Sereno que virou preceptor de sucesso.

7. O insucesso e o fatal regresso à escola quando adulto

«Muitas vezes tentou Pedro o regresso de Armando à escola. (...) quando Pedro o instigava a tirar a quarta classe. Ou mesmo a terceira. Não se é ninguém hoje em dia sem se saber ler ou pelo menos assinar.» (p. 153)

mas para aprender o mesmo que se ensinava aos catraios

«A escola difícil de aprendizagens intangíveis, números com vírgulas, rios, serras, cognomes de reis e datas, muitas datas, geografias abstractas de

sítios que nem sequer se calculava que existissem, muita informação acompanhada por réguas e reguadas ardentes que acendiam as mãos miúdas» (p. 153)

8. O dilema incontornável na época, ir para a Escola Comercial ou para o Liceu?

«A única vez que lhe deu dois estalos a preceito coincidiu com uma afirmação arrogante do pequeno, quero ir para a Escola Comercial. Não vou para o Liceu. Quero ir para a Escola, com a Manuela das tranças. Para o Liceu não vou.

Dois estalos e acabou-se a conversa» (p. 151)

Aos poucos, estamos a regressar a esse anacrónico sistema dual.

9. A deprimente festa de Natal do Liceu (de que ainda hoje não nos libertámos) para a qual o professor de Moral «muito padre, muito pio» (p. 249) sugeriu, ao Pedro, a leitura de «uns versinhos sobre o Menino Jesus; o jovem rebelde escolheu um poema de Alberto Caeiro; a sua declamação terminava de modo inesperado

«A Virgem Maria leva as tardes da eternidade a fazer meia.

E o Espírito Santos coça-se com o bico

E empoleira-se nas cadeiras e suja-as.

Tudo no céu é estúpido como a Igreja Católica.» (p. 251).

Incidente inevitável. Reitor e vice-reitor abandonam a sala; o professor de Moral «fica à beira do colapso». A resposta das autoridades académicas foi

implacável

«No meu liceu não põe mais o pé. Comunistas, aqui, no meu liceu, é que não.» (p. 253)

10. A emergência da intervenção política clandestina no universidade e que conduz Pedro à prisão.

«O que lhe havia de acontecer. Um filho assim, que nunca lhe tinha dado desgostos, aquilo que se tinha passado na festa do liceu não contava, um filho bom, com um curso tirado, um curso superior, uma inteligência, a ser perseguido como um bandido» (p. 303)

Pedro foi solto sem nunca ter sido julgado» (p. 314)

França o acolheu e, finalmente, pôde concluir

«Só se pensa bem em liberdade.» (p. 317)

Em suma, Alice Brito é, com certeza, uma escritora de futuro. O seu livro de estreia – *As Mulheres da Fonte Nova* – é de leitura desafiante. Estamos em crer que se constituirá como obra de referência para aqueles que estudam os processos de construção identitária de género, regional e do, chamado, movimento oposicionista. Esta obra vem também ao encontro de uma tese que defendo há anos: a literatura portuguesa é uma fonte poderosa para se conhecer a nossa escola.

Referências

BRITO, Alice (2012) *As Mulheres da Fonte Nova*. Lisboa: Planeta. 318 p.

PESSOA, Ana (2013) “Alice Brito - As Mulheres da Fonte Nova”. *Faces de Eva*, nº 29, 2013, pp. 203-228.

VASCONCELOS, Helena (2012) “O Estado Novo por dentro e por fora”. *Ípsilon-Público*, 10/08/12, pp. 30-1.

Este texto teve a sua origem na intervenção realizada no ciclo “Literatura e Educação. 7º Encontro com professores-escretores”, em 21/11/12, em que participaram também Luís Carlos Santos, Ana Pessoa e Alice Brito.